REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro

Em Cartaz
Jornal do Teatro
Andréa Beltrão
Cacá Carvalho
Charles Möeller
Cristina Novaes
Luiz Carlos Tourinho
Marco Nanini
Marieta Severo
Michel Melamed
Pedro Cardoso

O Manifesto

Eva Wilma e Othon Bastos discutem a relação... e acertam as contas

ANO VIII Nº 87
EXEMPLAR GRATUITO

Colecione os últimos 8 anos de teatro

Assine Aplauso!

Assinatura semestral R$ 30

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

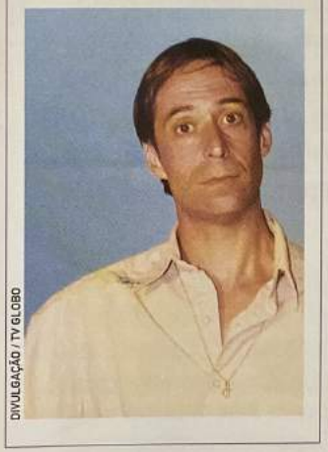
Tel.: (21) 2233-6648 e 2263-1372 ou

e-mail: danialbuquerque@aplauso.art.br

Coleção completa de Aplauso por R$ 240!

www.aplauso.art.br

O teatro em livro



DIVULGAÇÃO / TV GLOBO

"O teatro é uma obra de arte que acontece no encontro entre o espetáculo e a assistência. A questão do registro do teatro é provocada por ele ser um modo de arte que não produz um objeto. Aqueles modos de arte cuja obra é objeto, como a pintura, a escultura ou o cinema, têm na obra o seu próprio registro e estão livres dessa questão. As obras de arte do tipo teatro, não.

Elas existem apenas no momento de seu acontecimento. Desaparecem quando o encontro entre o espetáculo e a assistência termina. Para legar o teatro a um momento diferente ao de sua criação, é preciso registrá-lo de algum modo para que seja possível recriá-lo a cada vez. Geralmente, esse registro é feito por escrito. Decidi então publicar em livro os espetáculos *Os Ignorantes* e *O autofalante*.

Convenci-me de que a melhor maneira de apresentar a história de *Os Ignorantes* seria de dois modos: o texto puro e a versão vestida de uma encenação. Se por um lado estava satisfeito com a decisão de deixar o leitor sozinho com o texto, por outro eu também me sentia tentado a publicar o registro da encenação que eu havia lhe dado. Assim, primeiro o leitor encontrará o texto constituído apenas do que lhe é essencial (fundamentos narrativos, palavra e ação) e, nos capítulos (Notas, As Fotos, Os Desenhos e A Música), o leitor encontrará o registro (possível) da encenação. Os dois modos são complementares.

Já em *O autofalante*, o personagem está no meio da rua falando sozinho. Esta dramaturgia é absolutamente nítida quando encenada. O público sabe, o tempo todo, que não há dois personagens em cena, mas apenas um. Por isso, foi preciso anotar a polifonia pela qual se expressa o personagem, sem deixar de dizer que apenas uma pessoa está falando e, assim, fazer sua encenação no palco imaginativo do leitor, de um outro teatro." "

Pedro Cardoso, setembro de 2007

Musical em pauta

No dia 26 de setembro, 50 anos após a estréia de *West Side Story* na Broadway, o Espaço SESC reúne especialistas e apaixonados pelo gênero para debater o musical em si, o musical como gênero e até a existência de um musical brasileiro. Na mesa, a partir das 20h30, sentam-se o escritor Flávio Marinho, os diretores Claudio Botelho e Charles Möeller e a bailarina Ana Botafogo, com mediação do Artur Xexéo. Endereço: Rua Domigos Ferreira, 160, Copacabana. Entrada franca.

Diabetes com humor

A convivência com uma doença crônica – a diabetes -, as formas de tratá-la e de seguir em frente com bom humor está em *Meu filho é um doce*, de Cláudia Valli. Antes das sessões de terças-feiras, haverá medição da taxa de glicemia do público. Às quartas, após o espetáculo, poderá ter esclarecimentos sobre a doença com profissionais de saúde como endocrinologistas, pediatras e psicanalistas, entre outros especialistas. Até novembro, no Teatro Clara Nunes.

Arte circense

Dramaturgia e circo, combinando poesia, ilusão cósmica e a frieza matemática. A companhia francesa Adrien M. congrega esses elementos para discutir o malabarismo sem objetos, misturando atores a imagens computadorizadas e tendo a luz como único cenário de *Convergence 1.0*. O espetáculo estará em cartaz a Caixa Cultural Rio de Janeiro – Teatro Nelson Rodrigres nos dias 22 e 23 de setembro, dentro do festival França sem Fronteiras, promovido pela Aliança Francesa.

Transcendência em teatro

A trajetória do grupo Teatro da Transcendência, que comemora três anos de trabalho voltado para a pesquisa filosófica e poética aliada à dramaturgia, foi reunida no livro *Teatro da Transcendência – Cinco Peças* (editora Íbis Libris). O lançamento será em 24 de setembro, às 19h, no Casarão da Bambina (Rua Bambina, 141, Botafogo), onde a companhia apresenta, até dezembro, o espetáculo *Eris Kigal – Esculturas*.

www.aplauso.art.br

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels.: (21)2233-6648, 2263-1372, 2516-5056 e (21) 7820-3012. E-mail: danialbuquerque@aplauso.art.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Olga de Mello (textos). Coordenadora de produção: Dani Albuquerque. Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Stamppa. Capa: Fernando Torquatto / divulgação

Cristina Novaes

Criando fantasias

"A cenografia se expandiu para fora dos limites dos palcos", diz Cristina

O teatro me conquistou definitivamente na década de 70, quando assisti *Macunaíma*, de Antunes Filho. Naquele momento, o senso sobre o que era cenografia me invadiu. Eu estudava Arquitetura com o Gringo Cardia na UFRJ, que mal saiu da faculdade e já estava fazendo teatro. Eu queria ser arquiteta, mas o teatro – e o Gringo – iriam me chamar para participar do mundo do conhecimento, das idéias, das abstrações.

Morei na Itália oito anos e lá me entreguei ao teatro como atriz. Mas, por ter desenvolvido a estética da arquitetura na companhia, que conjugava teatro e dança, comecei a trabalhar com cenografia e figurinos. De volta ao Brasil, fui arquiteta por três anos. Aí o Gringo me convidou para uma peça. Não parei mais.

A arquitetura me deu uma dimensão do concreto que ajuda na concepção dos símbolos exigidos pela cenografia que, há muito, se expandiu para fora dos limites dos palcos e faz parte do cotidiano. Nas últimas bienais do livro, compus trabalhos para estandes, incluindo um viaduto que trazia referências literárias e poemas escritos com as letras que o poeta-mendigo do Rio, Gentileza, deixava pela cidade.

Tive grandes experiências na criação teatral, entre elas conviver com o dionisíaco Zé Celso, que envolve toda a companhia no trabalho. A cenografia é apaixonante enquanto território delicado da expressão, que ajuda o espectador a se transportar daquele espaço, a complementar a alma de cada espetáculo. O campo profissional está em franco crescimento no Brasil, embora o teatro ainda passe por processos de produção dolorosamente sofridos, já que os recursos são limitados e escassos. O que traz retorno é saber que esse trabalho vai ajudar a criar a fantasia indispensável para o público, que busca emoção, reflexão e prazer".

As centenárias

Novo texto de Newton Moreno marca o retorno das amigas Marieta Severo e Andréa Beltrão ao palco do Teatro Poeira, sob direção de Aderbal Freire-Filho

Por Olga de Mello

Duas mulheres, uma mais velha, outra mais jovem, ganham a vida encomendando corpos e chorando mortos. Um trabalho lúgubre. De forma alguma, afirma Marieta Severo, que interpreta uma das carpideiras de *As Centenárias*, peça que volta a reuni-la, no palco do Teatro Poeira, com a amiga e sócia Andréa Beltrão. "As carpideiras são contratadas para dar um brilho nos velórios. E essas duas que interpretamos conseguem até passar a perna na morte", diz a atriz.

Mais uma vez, Aderbal Freire Filho dirige Marieta e Andréa. "Formamos um núcleo de trabalho, o núcleo Poeira, que inclui aí o cenógrafo Fernando Mello e o iluminador Maneco Quinderé. Sempre gostei de trabalhar com equipes fiéis. Fiz quatro peças do Naum Alves de Souza com o mesmo grupo, o mesmo elenco. É a situação ideal, todos vivem afinados, em sintonia, não existe aquele desconforto do primeiro

FOTOS: NANA MORAES / DIVULGAÇÃO

>>

ensaio, os códigos já estão decifrados, os diálogos fluem", diz Marieta.

As duas atrizes inauguraram o Poeira há dois anos, com uma montagem de *Sonata de Outono*, dirigida por Aderbal. Para subirem ao palco novamente, queriam um texto leve, alegre, bem distante da complexidade emocional da peça anterior. Convidaram Newton Moreno, autor da aclamada *Agreste*, para criar uma peça especialmente para elas. Inspirado na amizade das duas, nasceu *As Centenárias*. Segundo Marieta Severo, o pernambucano Newton, apesar de viver há 17 anos em São Paulo, é fiel às raízes nordestinas, além de conhecer profundamente a cultura popular, tratando a morte sem qualquer respeito, recriando um clássico da cultura popular, que é o desafio, o duelo com o destino.

"Essa intimidade com a morte, a mistura do mundo real ao fantástico, com aquele sabor brasileiro, é deliciosa. É interessante ver como o surreal está inserido no cotidiano dessas pessoas e mostrar também um universo desconhecido para quem vive nos grandes centros. As carpideiras não são apenas importantes para os rituais fúnebres, mas têm uma aura mística. Elas são as eleitas, com um dom especial para encomendar os mortos. Ainda hoje, em muitos recantos do interior do Brasil, elas têm essas funções", conta Marieta.

Em "As Centenárias", a jovem Zaninha (Andréa Beltrão) admira Socorro (Marieta Severo) e quer seguir a carreira de carpideira, mas precisa passar pela maternidade, antes, o que a fará temer perdas e respeitar a morte. No entanto, depois que Zaninha abraça a função, ao lado de Socorro, e tem a vida de seu filho ameaçada, as duas mulheres conseguem, ardilosamente, enganar a morte. Antes disso, encontram diversos personagens, entre eles o cangaceiro Lampião, um coronel traído e uma viúva inconsolável. Os diferentes personagens são interpretados pelas duas atrizes, que dividem as cenas com o ator Sávio Moll e diversos bonecos (criados por Miguel Vellinho), que elas próprias manipulam. Sávio manipula a boneca "Mulher de Luto", interpreta a Morte e ainda toca rabeca, acompanhando as incelenças, cantos fúnebres entoados pelas carpideiras. A ação transcorre em torno de um caixão, ponto central do cenário criado por Fernando Mello da Costa e Rostand Albuquerque. No fundo do palco, presos a uma enorme grade, estão cerca de 240 bonecos, sendo 60 mamulengos confeccionados por Mestre Tonho, de Olinda. Os outros 180 foram criados pela professora em arte de bonecos Ivete Dibo, que ainda fez máscaras para compor o cenário, que tem a forma circular, similar a um picadeiro de circo.

O bem-amado

Marco Nanini vive o vilão que adoramos odiar...

Corrupção, muita retórica e poucas realizações. O que poderia ser um resumo da carreira de um político brasileiro também serve para definir um dos maiores anti-heróis da dramaturgia do País. O fascinante vilão criado por Dias Gomes, em 1962, está de volta. Depois de ser apresentado nos palcos por Procópio Ferreira e popularizado pela interpretação de Paulo Gracindo na novela *O Bem-Amado*, Odorico Paraguaçu renasce, desta vez na pele de Marco Nanini, no Teatro das Artes.

"Odorico não envelhece, continua atual, é perene", diz Nanini, que não quis assistir a fitas com capítulos da novela ou do seriado que Paulo Gracindo estrelou nos anos 80 para evitar influências na recriação do personagem. Sem qualquer referência, portanto, Odorico se impôs gradualmente para Marco Nanini. "Primeiro, surgiu um convite informal para fazê-lo em um filme. Depois veio outro convite informal, desta vez para estrelar o piloto de um novo seriado sobre o Bem-Amado. Foi então que achamos oportuno montar a peça, que tem um texto delicioso, engraçado e bastante contemporâneo", conta Nanini.

A síntese da farsa

Da mesma forma que Dias Gomes, que ao adaptar sua peça para a televisão incorporou situações que o Brasil vivia na década de 70, a nova ambientação da peça traz sinais do mundo contemporâneo nesta versão assinada por Cláudio Paiva e Guel Arraes, com direção de Enrique Diaz. Que não se esperem, no entanto, alusões a escândalos administrativos da atualidade. "Não queremos focar a ação em críticas a partidos ou a políticos. A figura de Odorico prima pela síntese da farsa, ele já simboliza muitos elementos sem haver necessidade de estar ligado ao mundo real", diz Nanini, que se declara feliz em participar de mais uma comédia. "A comédia me acompanha. Não é que eu me afaste do drama, mas é bom trabalhar um texto tão divertido".

Embora não tivesse uma relação próxima com Dias Gomes, Marcos Nanini participou tanto do primeiro quanto do último trabalho escrito pelo dramaturgo para a televisão. Na década de 60, Nanini foi chamado, com outros estudantes de teatro, para uma cena de duelo de espadachins na novela *A Ponte dos Suspiros*, adaptação de um dramalhão histórico italiano que o escritor assinava sob o pseudônimo de Stela Calderon. "Estavam à procura de quem soubesse um pouco de esgrima. Lá fui eu, com outros colegas, fazer figuração. Acho que eu morria na cena", lembra Nanini. Em 1998, Dias Gomes adaptou para a televisão o romance *Dona Flor e seus Dois Maridos*, em parceria com Marcílio Moraes e Ferreira Gullar. "Desta vez, eu era Teodoro, o segundo marido de Dona Flor", conta Nanini.

Quem não se lembra?

"Cachacistas juramentados". "Donzelas praticantes". "Chamem a imprensa escrita, falada e televisada". "Vamos botar de lado os entretanto e partir pros finalmente..." Os termos e frases cunhados por Odorico Paraguaçu tomaram conta do Brasil em 1973, quando foi ao ar a primeira telenovela a cores do País. É difícil definir o caráter de Odorico Paraguaçu, um "coronel" do interior que domina a fictícia cidadezinha baiana de Sucupira enquanto sonha chegar ao governo do estado, apresentando como grande obra de sua gestão o cemitério municipal – que não pode ser inaugurado porque ninguém morre na cidade. Por isso, ele se regozija com a chegada do matador Zeca Diabo, que cumpre promessa ao Padre Cícero de recuperar-se e abandonar a vida de pistoleiro. Em Sucupira, outras figuras do universo de Dias Gomes ficaram célebres por causa do *Bem-Amado*, como Dirceu Borboleta e as três irmãs Cajazeira, as solteironas apaixonadas pelo prefeito.

FOTO: FLAVIO COLKER / DIVULGAÇÃO

O HOMEM PROVISÓRIO

Cacá Carvalho e o Grupo Casa Laboratório contam em cordel *Grande Sertão Veredas*

Por Olga de Mello

"*O sertão está em toda a parte. O sertão é do tamanho do mundo*". Foi da fala de Riobaldo, protagonista de Grande Sertão: Veredas, que Cacá Carvalho e Roberto Bacci, da Fondazione Pontedera Teatro, partiram para encontrar o sertão que existe fora de barreiras geográficas, buscando seus sons e expressões até reinventar o universo descrito por Guimarães Rosa por meio dos versos do cordelista Geraldo Alencar. O resultado está em *O Homem Provisório*, que o grupo Casa Laboratório, sob direção de Cacá, traz ao Rio em curta temporada no Espaço Sesc-Copacabana.

FOTO: DIVULGAÇÃO

Quando Cacá Carvalho fala em pesquisa não se refere à habitual procura em livros e registros fonográficos sobre locais ou épocas. Uma equipe de 17 integrantes do Casa Laboratório permaneceu 40 dias em Nova Olinda, na região de Cariri, no Ceará, para conhecer a iconografia e a cultura locais. "Guimarães Rosa não estava limitado ao sertão mineiro. Então, saímos em direção a todos os sertões, com apoio da Fundação Casa Grande, uma escola de gestão cultural em Nova Olinda. Foi assim que descobrimos o Geraldo Alencar, que foi parceiro de Patativa do Assaré. Geraldo transplantou o que observamos para 120 sonetos que são a base do espetáculo", conta Cacá.

Além de ensaios diários sobre os textos que surgiam, a trupe da Casa Laboratório percorreu cidades vizinhas a Nova Olinda a fim de conhecer e interagir com artistas da região, que acabaram se integrando à companhia. Entre esses artistas estava o xilogravurista Nilo, que utilizou temas do livro de origem em imagens de sertão, e o rabequeiro e luthier Di Freitas. "Era imprescindível que o espetáculo tivesse uma sonoridade própria, porém muito fiel ao que se produz no sertão", afirma Cacá. As xilogravuras de Nilo estarão expostas no SESC-Copacabana, durante a temporada carioca de *O homem Provisório*.

A interpretação sobre o mundo dos jagunços e sertanejos não é fiel à narrativa de Guimarães Rosa, adverte Cacá. "O livro provocou a pesquisa. O trabalho sobre a obra literária é um companheiro dessa viagem real, é a estrutura para a formação do trabalho. Partimos da linguagem do Rosa, do material que pesquisamos para criar um novo produto, que se expressa com independência, usando a oralidade da região. O mais importante era obter a estrutura que montamos, um trabalho muito sonoro e fiel ao que vivenciamos em Cariri."

Mais que indicado

O Homem Provisório vem de uma bem-sucedida temporada paulista, com reconhecimento da crítica e o maior número de indicações – cinco – para o Prêmio Shell dos espetáculos em cartaz no primeiro semestre. Além da indicação de Cacá Carvalho para melhor direção, Márcio Medina foi indicado para os prêmios de Figurino e de Cenário, Fábio Retti para Iluminação. Há ainda a indicação de Francesca Della Mônica em Categoria Especial por Melhor Partitura e Preparação Vocal. Esta é a quinta incursão de Cacá Carvalho sobre textos de Guimarães Rosa. Em 1986, ele encenou o primeiro deles, o monólogo *Meu Tio, o Iauaretê*, em que interpretava um caipira que contava histórias a um forasteiro. "Rosa é uma fonte inesgotável, que nos instigou a reinventar esse sertão que vive dentro de todos nós", diz Cacá, que não quis participar da nova montagem como ator: "Apesar da solidão que sinto quando dirijo, preciso estar fora de cena para administrar o talento de tanta gente e auxiliar a formação do conjunto, sem deixar de perceber as individualidades de cada artista".

7

Mulheres poderosas cantam o universo feminino sob a ótica de Charles Möeller, Cláudio Botelho e Ed Motta

Um musical em clima soturno, iluminado por tons do luar, falando sobre perda, dor, fim da juventude e abandono, está bem distante de boa parte das catorze produções anteriores da dupla Cláudio Botelho e Charles Möeller. "Nossas produções anteriores deram o aval para que ousássemos em 7", acredita Möeller, autor e diretor da peça. No palco do João Caetano, sete mulheres protagonizam diferentes ângulos do feminino, através do lado mais gótico dos contos-de-fada recolhidos pelos Irmãos Grimm.

"Gostamos de Stephen Soundheim, o compositor que trouxe densidade ao musical tratando da solidão das relações. Sou fascinado pelos irmãos Grimm e busquei algo próximo da Branca de Neve original da Idade Média, com todo o peso daquela época. Depois, foi situar essa inspiração na cidade escura, que tem neve, bem o oposto do Rio de Janeiro tropical onde vivemos. Mas tudo respeitando a delicadeza do feminino, o aspecto lunar que rege essas mulheres", diz Charles Möeller.

Sete tarefas

O antagonismo da mulher madura em relação à jovem cuja beleza ofusca a sua é claro em Branca de Neve. No conto clássico, a madrasta manda matar a menina para manter-se como a mais bela entre as mulheres. Em 7, Amélia (Alessandra Maestrini) é abandonada pelo marido, que vai viver com uma mulher mais jovem, Bianca (Alessandra Verney). Aconselhada por sua madrinha (Eliana Pittman), Amélia procura uma cartomante (Zezé Motta), que promete trazer a pessoa amada de volta em sete dias, desde que ela cumpra sete tarefas. Começa então a jornada pessoal de Amélia, que só encontra dificuldade para se desincumbir da sétima – arrancar do peito o coração de um jovem puro e apaixonado.

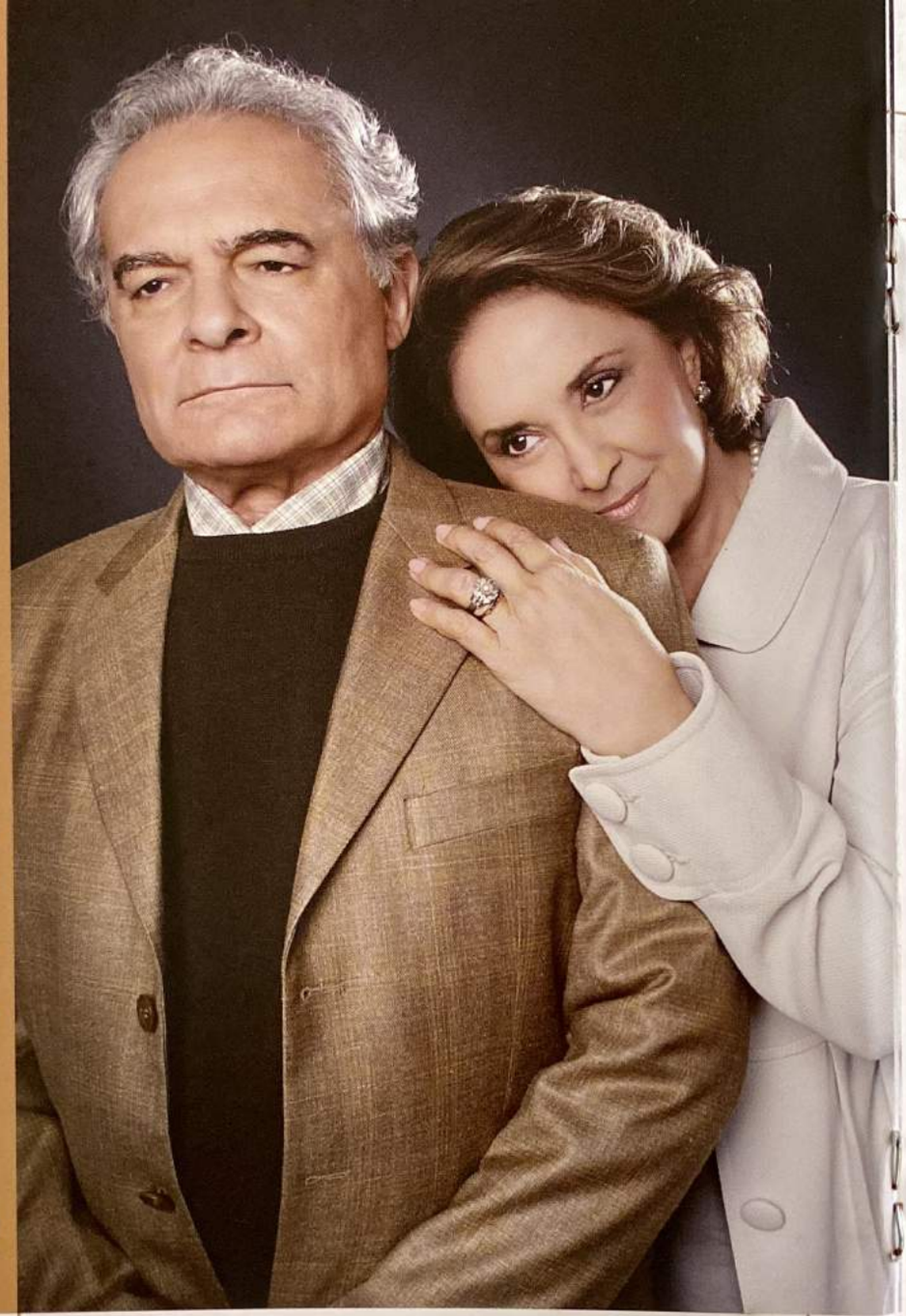
"Quem espera que feitiços e sortilégios recuperem sua própria vida vai acabar descobrindo que está cego pela obsessão. A peça discute o desespero e o processo de reencontro consigo mesmo – este sim, trará a felicidade", observa Möeller.

Sob encomenda

Alguns personagens foram escritos especialmente para as atrizes. "Só desenvolvi Amélia, a cartomante, a dona do bordel que a Rogéria faz e a velhinha que conta a história de Branca de Neve, interpretada pela Ida Gomes, depois que elas aceitaram os papéis", diz Charles, que confessa sua admiração por Rogéria, o primeiro transformista do País que conseguiu ser aceito durante os anos de repressão política "como parte da família brasileira". A participação da veterana Ida Gomes também era essencial, assim como a voz aveludada de Zezé Motta. "Ela é Chica da Silva, um emblema, a atriz negra e talentosa que não se sujeitou a papéis de escrava submissa. Já Eliana Pittman, essa incrível cantora de jazz, pediu uma audição e ganhou o papel. Quando vi, estava cercado por um elenco de feiticeiras", brinca.

FOTO: ROBERT SCHWENCK / DIVULGAÇÃO

O MANIFESTO

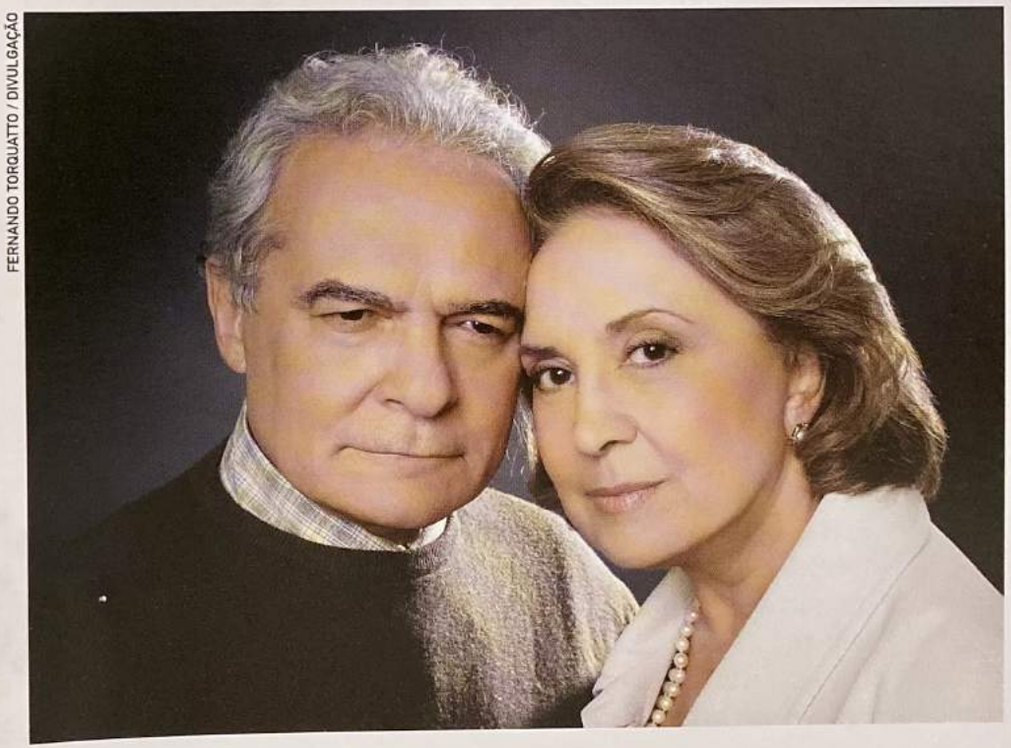


Uma lição de amor e tolerância por Eva Wilma e Othon Bastos

Por Janaína Medeiros

Em tempos de tamanha intolerância nos âmbitos público e privado, *O manifesto* surge como uma instigante reflexão sobre a convivência com as diferenças. A história de uma progressista e um conservador casados há 50 anos propõe com muito humor e humanidade uma reavaliação de paradigmas, tendo como pano-de-fundo vida e morte. Talvez seja por isto, e pelas aclamadas atuações de Eva Wilma e Othon Bastos sob direção de Flávio Marinho, que a peça do inglês Brian Clark tenha feito enorme sucesso de crítica e público de maio a julho em São Paulo. Agora é a vez de cariocas conferirem o resultado, a partir do dia 31 de agosto no Teatro Maison de France.

Com tradução revista e atualizada por Flávio Marinho, a peça narra o jogo de diferenças entre o general Edward (Othon Bastos), um *sir* cuja disciplina o obriga a camuflar sua sensibilidade, e sua mulher Margareth (Eva Wilma), uma *lady* cuja aparência doce esconde uma personalidade mais implacável que a do belicoso marido. Enquanto ele lê diariamente o conservador *Times*, ela assina um jornal de manifesto contra a Guerra do Iraque. Uma trama rica em implicações psicológicas, sociais e políticas, mostrando como é possível sustentar uma união apesar das divergências de temperamentos e ideologias.



FERNANDO TORQUATTO / DIVULGAÇÃO

JOÃO CALDAS / DIVULGAÇÃO

Humor inglês

"Ambos estão constantemente pisando em terrenos minados. Acontece um embate muito bonito entre os dois, a partir do qual eles se expõem e aparecem os atritos. Há reviravoltas que vão colocando em jogo o casamento, mas são tratadas com *finesse* inglesa, com alegria, humor e idéias inteligentes", revela Othon Bastos. "É preciso muita generosidade e tolerância para se viver a dois. É preciso defender pontos de vista, mas também ceder. O maravilhoso deste casal é que, apesar dos obstáculos e dificuldades, eles superam tudo e fortalecem o amor e a relação através da compreensão e do diálogo".

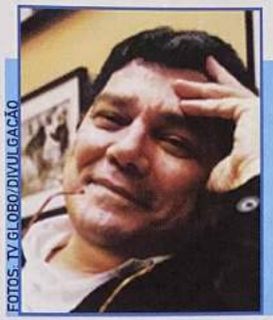
E Eva Wilma concorda. "Margareth acredita que o humor seja subversivo. E a ironia estabelece e aprofunda o diálogo entre eles. Trata-se de um acerto de contas, sem perder o principal da trama, que são as posições políticas divergentes. Além de uma história de diferenças de um casal, é uma discussão sobre a violência no mundo. E, em última instância, sobre morte e vida", continua a atriz, que pela terceira vez contracena com Othon Bastos como sua mulher.

Entre amigos

O manifesto é uma celebração dos 20 anos de carreira de seu produtor e idealizador, Marcelo Sebá, que em 1987 começou como assistente de produção na primeira montagem brasileira da peça, então com Beatriz Segall e Cláudio Corrêa e Castro. E é também uma celebração com seus amigos – entre eles, Flávio Marinho, que na versão original foi o tradutor, e o estilista Walter Rodrigues, que assina os figurinos. A pedido de Sebá, especialmente para esta nova versão, o autor Brian Clark atualizou o contexto político da trama escrita originalmente em 1987. Assim temas típicos da Guerra Fria foram substituídos pelos conflitos no Oriente Médio, tornando o texto mais contemporâneo, ágil e permitindo mudanças fatuais, como a morte de Saddam Hussein.

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

O Púcaro Búlgaro

"A adaptação que o Aderbal Freire-Filho fez do romance de Campos de Carvalho é simplesmente notável. Um espetáculo delirante, inteligente, bem-humorado e com elenco afinado, tendo o Gilray Coutinho à frente".

Alcione Araújo, escritor

Centenárias e O Bem Amado

"É impossível indicar uma só peça quando Marcos Nanini está em uma e Marieta Severo e Andréa Beltrão estão em outra. Quem gosta de teatro tem obrigação de ver as duas!"

Evandro Mesquita, ator

Diálogos com Molly Bloom

"Malu Galli é uma das atrizes mais incríveis da cena teatral brasileira. A peça é um projeto curioso, instigante, não apenas pelo texto, mas por ter cinco diretores orientando uma só pessoa no palco. Além disso, o Solar de Botafogo já vale uma ida ao teatro, pois é um espaço muito bonito e agradável".

Dira Paes, atriz

O Musical

"Cláudio Botelho e Charles Möeller criaram outro espetáculo que a gente precisa assistir mais de uma vez. É bonito, é denso e tem músicas belíssimas de Ed Motta".

Karen Accioly, diretora

7 - O MUSICAL

Misturando elementos de contos-de-fada com música de Ed Motta, a nova produção de Cláudio Botelho e Charles Möeller discute envelhecimento, amor e perda sob a ótica feminina. Texto e direção: Charles Möeller. Com Alessandra Maestrini, Ida Gomes, Zezé Motta, Rogéria, Eliana Pittman. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes s/n, Centro) Fone: 2221-0305. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R$ 40 (qui e sex) e R$ 50 (sab e dom).

A ALMA IMORAL

Adaptação do livro homônimo do rabino Nilton Bonder, que traz reflexões sobre o certo e o errado, a tradição e a traição. Texto: Nilton Bonder. Adaptação e interpretação: Clarice Niskier. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro Leblon – Sala Marília Pêra** (R. Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta, 17h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 50 (qui., sex. e dom.) e R$ 60 (sáb.).

ANTICLÁSSICO

O primeiro espetáculo solo e autoral da atriz e diretora Alessandra Colasanti, que interpreta uma bailarina com suas múltiplas facetas – tradutora, filósofa, professora, boêmia. **Espaço SESC – Sala Multiuso** (Rua Domingos Ferreira 160, Copacabana). Sexta e sábado, 20h; domingos, 19h. R$ 6. Até 23 de setembro.

O BEM-AMADO

O prefeito Odorico Paraguaçu quer inaugurar o cemitério de Sucupira, a maior obra de sua gestão, mas ninguém morre na cidade. Texto: Dias Gomes, com adaptação de Cláudio Paiva e Guel Arraes. Direção: Enrique Diaz.Com Marco Nanini, Bel Garcia, César Augusto, Marcelo Olinto. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente 52, 2º piso, Shopping da Gávea, Gávea) Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h; domingo, 20h. R$ 70 (qui. e sex.) e R$ 80 (sáb. e dom.).

UM BOÊMIO NO CÉU

Espetáculo poético e musicado sobre um trovador boêmio que morre no dia de São Pedro e tenta convencer o santo de que ele é digno de entrar no céu. Texto: Catullo da Paixão Cearense. Direção e Dramaturgia: Amir Haddad. Com José Mayer, Antonio Pedro, Aramis Trindade e Kátia Brito. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui., sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.).

CANTADAS

Performances-solo que tecem com sensualidade temas de interesse sócio-políticos. Concepção e atuação: Denise Stoklos. Direção e roteiro: Antonio Abujamra e Hugo Rodas. Criação musical e execução: André Abujamra. **Oi Futuro** (R. Dois de Dezembro 63, Flamengo). Fone: 3131-3060. Sexta a domingo, 19h30. R$ 10.

AS CENTENÁRIAS

Duas carpideiras, que passam a vida em velórios e enterros no interior do Nordeste, encontram com celebridades locais, como o Lampião, e entram em confronto com a Morte. Texto: Newton Moreno. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Marieta Severo, Andréa Beltrão e Sávio Moll. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104 – Botafogo). Fone: 2537-8053. Quintas, sextas e sábados, 21 h. Domingo, 20 h. R$ 50 (quinta, sexta e domingo). R$ 60 (sábado).

DÁ UMA ENTRADINHA

Só pra você sacar como esse homem me ama. Comédia composta por dois textos ("Virtuosa e Bela, Sensata é Ela" e "Marilda, a Oprimilda") que abordam temas como casamento, ciúmes, diferenças. Texto: Luiz Carlos Góis. Direção: Joaquim Vicente. Com Juliana Teixeira, Marcelo Escorel e Renato Reston. **Teatro SESI** (R. Graça Aranha, nº 1, Centro). Fone: 2563-4163. Quinta a domingo, 19h. R$ 30.

DESESPERADAS

Psicanalista planeja seu próprio assassinato enquanto recebe em seu consultório a visita inesperada de duas dondocas. A narração em *off* é de Zezé Motta. Texto e Direção: Jô Bilac. Com Cristina Pereira. **Teatro Vannucci** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Terças, 21h. R$ 30. Até 26 de setembro.

UM DIA ANITA

Espetáculo integrante do projeto "Ocupação". Texto: Julia Spadaccini e Renata Mizrahi. Direção: Diego Molina. Com Angela Bellônia, Morena Cattoni e Tatynne Lauria. **Casa da Gávea – Sala Chiquinha Brandão** (Pça. Santos Dumont, 116/ sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta, 21h. R$ 20.

DIÁLOGOS COM MOLLY BLOOM

Monólogo inspirado na personagem Molly Bloom, do romance "Ulisses" de James Joyce. Texto: José Sanchis Sinisterra. Direção: Andrea Beltrão, Cristina Moura, Christiane Jatahy, José Sanchis Sinisterra e Gilberto Gawronski. Com Malu Galli. **Centro Cultural Solar de Botafogo** (Rua General Polidoro 180, Botafogo). Fone: 2542-9458. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30.

DIVÃ

Mulher de 40 anos procura um analista por curiosidade e acaba questionando sua trajetória até então considerada bem-resolvida. Texto: Martha Medeiros. Direção: Ernesto Piccolo. Com Lilia Cabral, Alexandra Richter e Marcelo

Valle. **Teatro Vanucci** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8545. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R$ 40 (qui. e sex.), R$ 50 (dom.) e R$ 60 (sáb.).

DOIS PARA VIAGEM

Um feitiço prende no tempo dois atores que tentam apresentar uma comédia ao público. Texto: Miguel Thiré, Mateus Solano e Jô Bilac. Direção: Jô Bilac. Com Miguel Thiré e Mateus Solano. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116 sobrado – Gávea). Fone: 2239-3511. Quarta e quinta, 21h. R$ 30. Até novembro.

ERES KIGAL

Atores interpretam esculturas que contracenam com o público, refletindo sobre a criação. Texto e Direção: Camila Diehl. Com Wendell Soares, Lucas Valentim, Camila Diehl. **Casarão da Bambina** (Rua Bambina 141, Botafogo) Fone: 9811-5523. Sextas e sábados, 21h. Domingos e segundas, 20h. R$15.

ESTAÇÃO

Todos os humores do mundo. Um clube de comédia e improviso do dia-a-dia. Texto coletivo com direção de Pierre Nunes. Com Claudia Lara, Guilherme Bueno, Sil Esteves e Pierre Nunes. **Casa de Cultura Laura Alvim - Espaço Rogério Cardoso** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Terça e quarta, 20h. R$ 26. Até 26 de setembro.

FALA BAIXO SENÃO EU GRITO

Mulher solitária tem seu quarto invadido por um jovem ladrão, com quem vai adquirir outra percepção sobre a vida e o mundo. Texto: Leilah Assumpção. Direção: Paulo de Moraes. Com Ana Beatriz Nogueira e Eriberto Leão. **Teatro Leblon - Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26 loja 104). Fone: 2274-35 56. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 50 (qui. e sex.) e R$ 60 (sab. e dom.). Até 7 de outubro.

HOMEMÚSICA

Na terceira parte de sua Trilogia Brasileira, Michel Melamed interpreta Helicóptero, um jovem do interior do Brasil que se apresenta em um show de televisão, mostrando seu dom: emitir sons musicais de cada parte de seu corpo. Direção: Michel Melamed. **Teatro II do Centro Cultura Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março 66, Centro) Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h30. R$ 10. Até 28 de outubro.

O HOMEM PROVISÓRIO

Inspirado em *Grandes Sertões, Veredas*, de Guimarães Rosa, o grupo Casa Laboratório conta a história de Riobaldo e dos cangaceiros em sonetos criados pelo cordelista Geraldo Alencar. Direção: Cacá Carvalho e Roberto Bacci. **Espaço Sesc** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana) Fone: 2547-0156. Quinta e Domingo, às 20h; sexta e sábado, às 21h30. R$ 12. Até 29 de setembro.

ISADORA DUNCAN

Atriz apaixonada por Isadora Duncan encontra texto sobre a bailarina e busca por produtor para encená-lo. Texto: Aguinaldo Silva. Direção: Bibi Ferreira. Com Letícia Spiller, Oscar Magrini, Marly Bueno. **Teatro Vanucci** (R. Marques de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 19h. Domingo, 21h30. R$ 60 (sáb. e dom.), R$ 50 (qui. e sex.) e R$ 30 (meia-entrada de qui. a dom.).

LEMBRANÇAS DE UM SONHO

Uma ex-revolucionária questiona suas escolhas depois de 40 anos de casamento com um burguês. Texto: Luis Carlos Maciel. Direção: Regiana Antonini. Com Maria Claudia, Monique Alfradique, Oddone Monteiro. **Teatro Glória** (Rua do Russel 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 20 (quinta, sexta e domingo) e R$ 25 (sábado). Até 14 de outubro.

LAR...

Espetáculo integrante do projeto "Ocupação", a trama se passa numa loja de departamentos, onde um trio de vendedoras se depara com a falência do estabelecimento em que moram e trabalham. Texto: Cesar Amorim, Fernando Caruso e Renata Mizrahi. Direção: Diego Molina e Vinícius Arneiro. Com Letícia Medella, Tatjana Vereza, Tatynne Lauria e ator convidado. **Casa da Gávea - Sala Chiquinha Brandão** (Pça. Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2239-3511. Domingo, 20h. R$ 20.

O MANIFESTO

Um conservador general e uma progressista *lady*, casados há 50 anos, tentam superar as diferenças de temperamento e ideologia política. Texto: Brian Clark. Tradução e Direção: Flávio Marinho. Com Eva Wilma e Othon Bastos. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544-2533. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 50 (sex.), R$ 60 (qui. e dom.) e R$ 70 (sáb.).

NÃO SOU FELIZ, MAS TENHO MARIDO

As amarguras conjugais de uma mulher contemporânea são narradas com humor e vivacidade. Texto: Viviana Gómez Thorpe. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Zezé Polessa. **Teatro Clara Nunes** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta, 17h. Sexta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 40 (qui.), R$ 45 (sex. e dom.) e R$ 50 (sáb.).

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

PEQUENOS MILAGRES

Em quatro histórias - *Cabeça de Cachorro*, *O Pracinha da FEB*, *O Vestido* e *Casal Náufrago* – o Grupo Galpão comemora seus 25 anos e oferece um olhar teatral singular sobre a vida brasileira. Texto: Maurício Arruda Mendonça e Paulo Moraes. Direção: Paulo Moraes. Com Grupo Galpão. Teatro Sesc Ginástico (Av Graça Aranha 187, Centro). De quinta a domingo, 19h30m. R$ 20 (quinta, sexta e domingo). R$ 25 (sábado).

O PÚCARO BÚLGARO

Uma estranha expedição à Bulgária tem como objetivo descobrir se aquele país existe ou não, pondo em discussão o conceito do real. Texto: Campos de Carvalho. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Ana Barroso, Augusto Madeira. **Teatro Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo 20h. R$ 20 (qui.) e R$ 30 (sex. a dom.). Até 23 de setembro.

RUA DOS SONHADORES

Espetáculo do projeto "Ocupação" conta a história de Ana, aspirante à escritora. Texto: Renata Mizrahi. Direção: Diego Molina. Com Bruno Perlatto, Diego Molina, Renata Mizrahi. **Casa da Gávea – Sala Chiquinha Brandão** (Pça. Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2239-3511. Sábado, 21h. R$ 20. Até 30 de setembro.

SAFARI TERAPÊUTICO

O encontro de cinco mulheres num final de semana de tratamento em spa. Texto: Leonel e Rita Fischer. Direção: Lionel Fischer. Com Helena Borschiver, Natasha Cordelino. **Casa de Cultura Laura Alvim - Porão** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

VAMPÍRIA

A história da última família de vampiros da Transilvânia que, decadentes e explorados pelo Presidente da Valáquia, são obrigados a trabalhar como atração turística em seu próprio castelo. Texto: Tacus. Adaptação: Dionísio Jacob. Direção: Cláudio Filiciano. Com Jorge Ventura, José Peregrino, Alessandra Cervieri. **Centro Cultural Suassuna** (Av. das Américas, 2603, Barra). Fone: 2439-8002. Sábado e domingo, 20h. R$ 26.

VERIDIANA E EU

Sete náufragos descobrem que todos amaram e foram desprezados pela mesma mulher. Texto: Tarcísio Lara Puiati. Direção: Renato Farias. Com Augusto Garcia, Caetano O`Maihlan, João Cunha, Rafael Maia, Raphael Viana, Rodrigo Prado e Thiago Mendonça. **Teatro do Jóquei** (R. Mário Ribeiro, 410, Gávea). Fone: 2540-9853. Sexta a domingo, 21h. R$ 20.

depois do teatro

A peça termina, as cortinas se fecham, mas o programa continua

Cláudia E.

Noite de fondue

Depois de assistir ao duelo delicado e intenso de *O Manifesto*, no Teatro Maison de France aproveite essa temperatura gostosa, da cidade e da peça, e vá se deliciar com um fondue na **Casa da Suíça**. Ao chegar não abra mão do couvert com pães quentinhos e saborosos. Para acompanhar, peça um bom tinto. A carta tem ótimas sugestões.

O fondue de queijo pode começar a noite. Depois, o de carne, que vem acompanhado de molhos maravilhosos – o de chutney é imperdível. Mas o que realmente faz a diferença é a batata *rostie*, a melhor do Rio... E, para quem pode (haja calorias!), terminar com o fondue de chocolate é tudo de bom!

Casa da Suíça: Rua Cândido Mendes , 157, Glória.
Fone: 2509-3870

Quiches e tartelettes

Saindo da peça *A fala das Coisas*, no Espaço Sesc, siga até o Leme e vá conhecer a **Galeria 1618**, um bistrô que é um mix de livraria, galeria de arte e espaço musical bem ao estilo europeu. Uma placa na rua indica as sugestões do dia com os clássicos da cozinha francesa de bistrô, como quiches e croque monsieur (tradicional sanduíche francês). Nos finais de semana é servido café da manhã. Um belo *cappucino* em meio a bons livros e música da melhor qualidade, mais tartelettes de frutas, fará você se sentir em plena Paris...

Galeria 161: Rua Gustavo Sampaio, 840, Leme.
Fone: 2295-1618

Pizza e vinho

Acabou de assistir *Um dia, no verão*? Vá ao **Artigiano**, no finalzinho de Ipanema, e peça de entrada as beringelas com manjericão, cortadas em fatias finíssimas e bem sequinhas. A seguir peça uma pizza e, para acompanhar, faça a sua escolha depois de ler a boa carta de vinho da casa. Com certeza, você terá uma noite muito agradável.

Artigiano: Rua Epitácio Pessoa, 204, Ipanema. Fone: 2512-6107

TROPICANALHA

Uma crítica aos maus costumes. Mas com o bom humor de Luiz Carlos Tourinho

Por Olga de Mello

FOTO: DIVULGAÇÃO

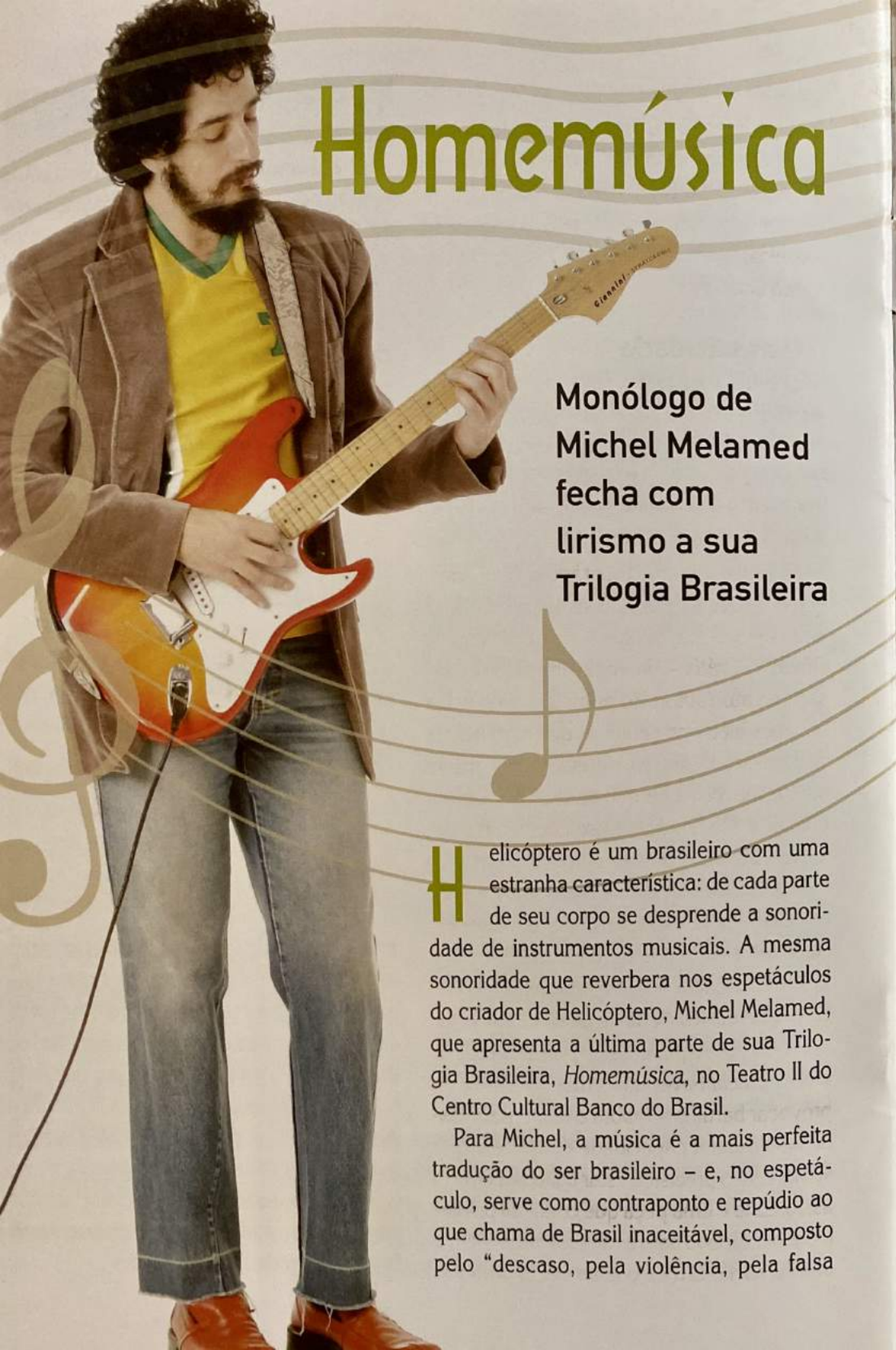
Adultério, corrupção e impunidade. Se atualmente esses são os assuntos para muitas análises em páginas de jornais, há muito servem como tema em farsas teatrais, desde que a representação passou a ser utilizada também para criticar o mundo real. Em *Tropicanalha*, qualquer semelhança com a vida real pode ser mera coincidência, garante Luiz Carlos Tourinho, diretor da peça que faz uma curta temporada no Teatro do Jockey. "É uma comédia policial com um clima parecido com o dos filmes de Pedro Almodóvar, falando de um povo que pensa que tudo vai acabar bem. Mas não é sempre que isso acontece", conta, destacando a atualidade do texto, escrito em 1989.

Esta é a primeira experiência de Luiz Carlos Tourinho na direção em teatro. Apesar do acúmulo de novas responsabilidades, o saldo é positivo. "Por ser ator, fica fácil compreender as dificuldades do elenco. Mas tive a sorte de estar à frente de um grupo de artistas muito talentosos", diz Tourinho, que só lamenta não poder seguir com a peça Brasil adentro, já que está escalado para uma próxima telenovela. "O público das cidades pequenas sempre tem uma forma diferente de se relacionar com o teatro. No Rio de Janeiro, teatro é apenas mais uma forma de lazer. Existe comoção, claro, mas quando a gente chega ao interior, principalmente em locais onde a entrada de uma companhia teatral é acontecimento raro, a troca entre público e artista é muito intensa. Normalmente, as acolhidas são carinhosas e nos dá a satisfação de saber que estamos levando não apenas diversão, mas reflexão para aquelas pessoas".

A escolha de uma comédia como primeiro texto a comandar no palco não foi acidental. Luiz Carlos Tourinho sente orgulho em se declarar comediante: "A comédia está sempre ao meu lado, faz parte do meu temperamento. Vejo o mundo por um ponto de vista sempre bem-humorado. Nunca trabalhei em um drama clássico, já fiz Nelson Rodrigues, já protagonizei cenas dramáticas. Mas me sinto à vontade na comédia, na qual acho que podemos falar sobre temas sérios e até sobre a tristeza de forma divertida. Por isso, ao me deparar com o texto do Aziz Bajur, que eu já conhecia como autor de *Velório à Brasileira* e *Agora ou Nunca*, percebi que ali estava um retrato desse Brasil que condenamos. Se expusermos isso, mesmo enquanto damos gargalhadas, poderemos talvez resgatar o Brasil que ainda cultiva virtudes".

Redemoinho

Em *Tropicanalha*, a ação parte de um flagrante de adultério, que deflagra uma crise de casamento e evolui, vertiginosamente, para situações-limite, incluindo seqüestro e crimes de colarinho branco. "É uma alegoria, claro, mas não é tão absurda assim, pois pode acontecer a qualquer momento. A realidade tem sido tristemente ridícula no Brasil...", lamenta Tourinho, que se afirma indignado com o desprezo dos brasileiros pela ética. "Acho até que as pessoas começaram a ficar mais conscientes de que não é esperteza dar R$ 10 para o guardinha rasgar a multa pelo estacionamento proibido ou avanço de sinal. Hoje há campanhas institucionais combatendo a pirataria e a fraude generalizada, que vai desde o desvio de verbas até a falsificação de carteirinha de estudante. A peça está falando disso, desses desvios de valores éticos que consideramos tão naturais e perdoáveis", lamenta.



Homemúsica

Monólogo de Michel Melamed fecha com lirismo a sua Trilogia Brasileira

Helicóptero é um brasileiro com uma estranha característica: de cada parte de seu corpo se desprende a sonoridade de instrumentos musicais. A mesma sonoridade que reverbera nos espetáculos do criador de Helicóptero, Michel Melamed, que apresenta a última parte de sua Trilogia Brasileira, *Homemúsica*, no Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil.

Para Michel, a música é a mais perfeita tradução do ser brasileiro – e, no espetáculo, serve como contraponto e repúdio ao que chama de Brasil inaceitável, composto pelo "descaso, pela violência, pela falsa ignorância e cegueira quanto a cenas de miséria que estão à frente de nossos olhos", conforme diz Melamed. "A nossa pluralidade e o êxito da criatividade musical não podem ocultar que o Brasil é um país doente, com mazelas, agressões, máfias. Existe até nazismo entre nós".

Cumplicidade

O protagonista de *Homemúsica* sai do interior do Brasil para uma grande cidade do Sul, para se apresentar no programa de televisão com maior índice de audiência nacional. Na trajetória em busca do sucesso pessoal, ele vai descobrir o amor. Para Melamed, este é seu espetáculo mais lírico, que o renova a cada apresentação. As duas outras peças da Trilogia – *Regurgitofagia* e *Dinheiro Grátis* – provocavam algum cansaço no ator/autor. No primeiro, ele recebia choques elétricos cada vez que a audiência espirrasse, risse, suspirasse. "Era muita adrenalina, por mais que os choques fossem mínimos. No fim da apresentação batia um alívio", conta. A tensão dominava *Dinheiro Grátis*, em que o público era instado a abrir carteiras e lhe entregar notas de dinheiro. "Quando acabava, estava exausto".

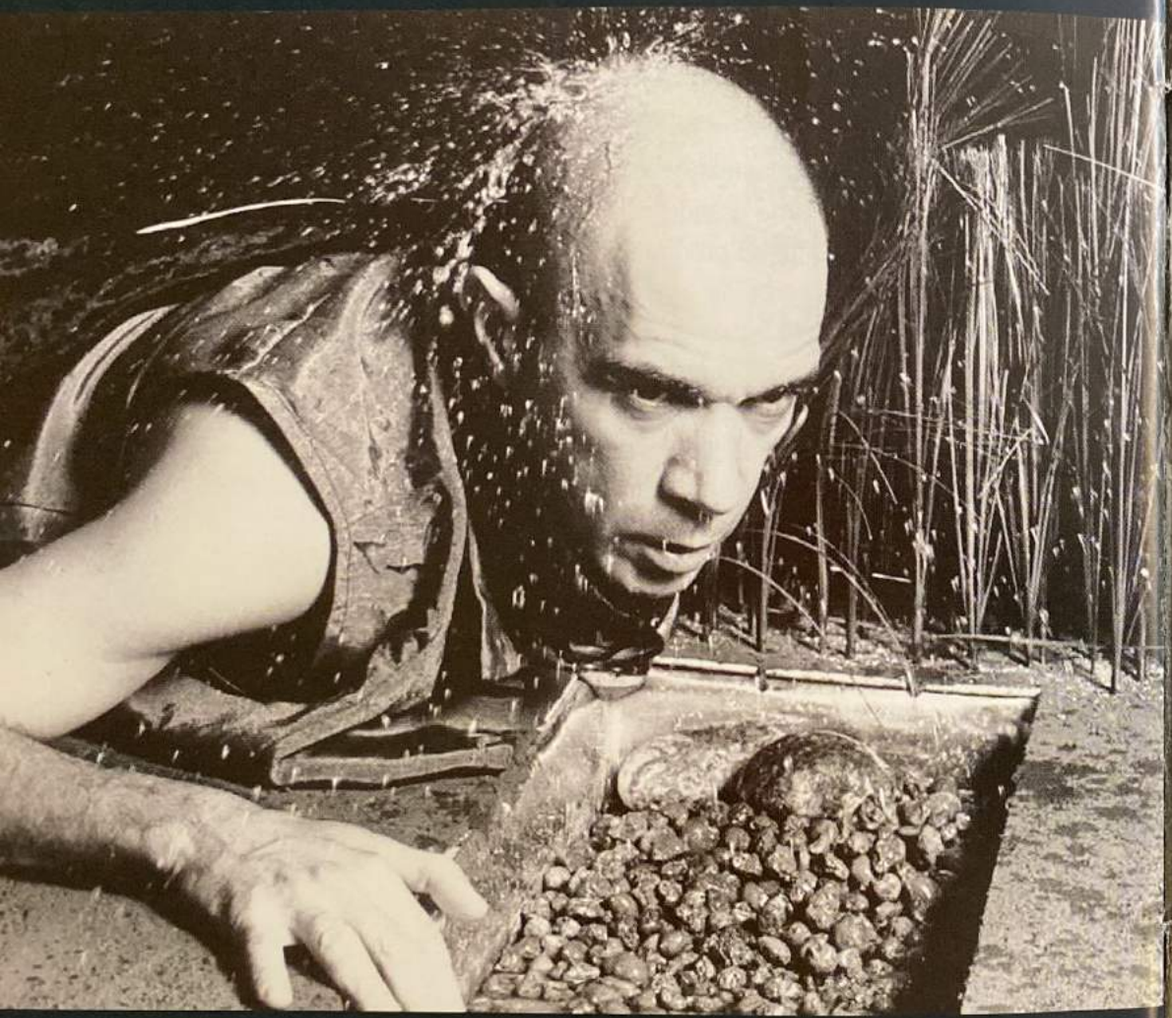
A experiência é diametralmente oposta em *Homemúsica*. "Cria-se uma cumplicidade diferente com o público. No primeiro espetáculo, parecia haver um temor na platéia de provocar barulho, embora a responsabilidade pela dor e a capacidade de ferir existam sempre, não precisam estar ligadas a um ato físico. Esta é uma peça que continua privilegiando o espaço para a manifestação, para a interferência. É uma ode ao Brasil possível, que me estimula", afirma Melamed, autor da maioria das canções de *Homemúsica*.

A resposta do público – a peça começou o circuito no CCBB de Brasília – tem sido intensa. "Uma delícia", diz ele, que há sete anos vivencia a temática apresentada na Trilogia. "Era para *Homemúsica* ser mostrada antes de *Dinheiro*, mas o tema acabou se impondo. Então, ficou para fechar a Trilogia esse momento mais doce, o que é muito bom".

Homem Múltiplo

Poeta, escritor, compositor, ator, Michel Melamed concebeu a Trilogia Brasileira para refletir o País através de três eixos de condução do espetáculo. Os monólogos pretendem pesquisar uma linguagem sobre os limites de participação do público, sem que se criem constrangimentos. "O engajamento tem que ser voluntário por parte da platéia", afirma Michel Melamed, que desta vez tem no palco a companhia de músicos. A integração de linguagens é outra das bases comuns aos três espetáculos, sendo que em *Homemúsica* a ação se desenvolve basicamente entre a palavra falada e cantada, contando ainda com recursos de vídeo e tecnologia. Por fim, as peças querem afirmar a obra de arte como um dos últimos redutos do livre-pensar, sustentando o compromisso artístico com a transgressão para redimensionar nosso olhar, ampliar perspectivas e, dessa maneira, estimular a subjetividade necessária para o desenvolvimento da criatividade.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Ricardo Blat em "Andersen, o Contador de histórias em O Patinho Feio", 1995

Sem o apoio de vocês, não voaríamos tão longe...

STAR LIGHTING DIVISION

Lavanderia Flor de Copacabana

GATO PRETO

LOWNOISE AUDIO PROFISSIONAL

DI SANTINNI

achē www.ache.com.br

POLIRON

jamef ENCOMENDAS URGENTES

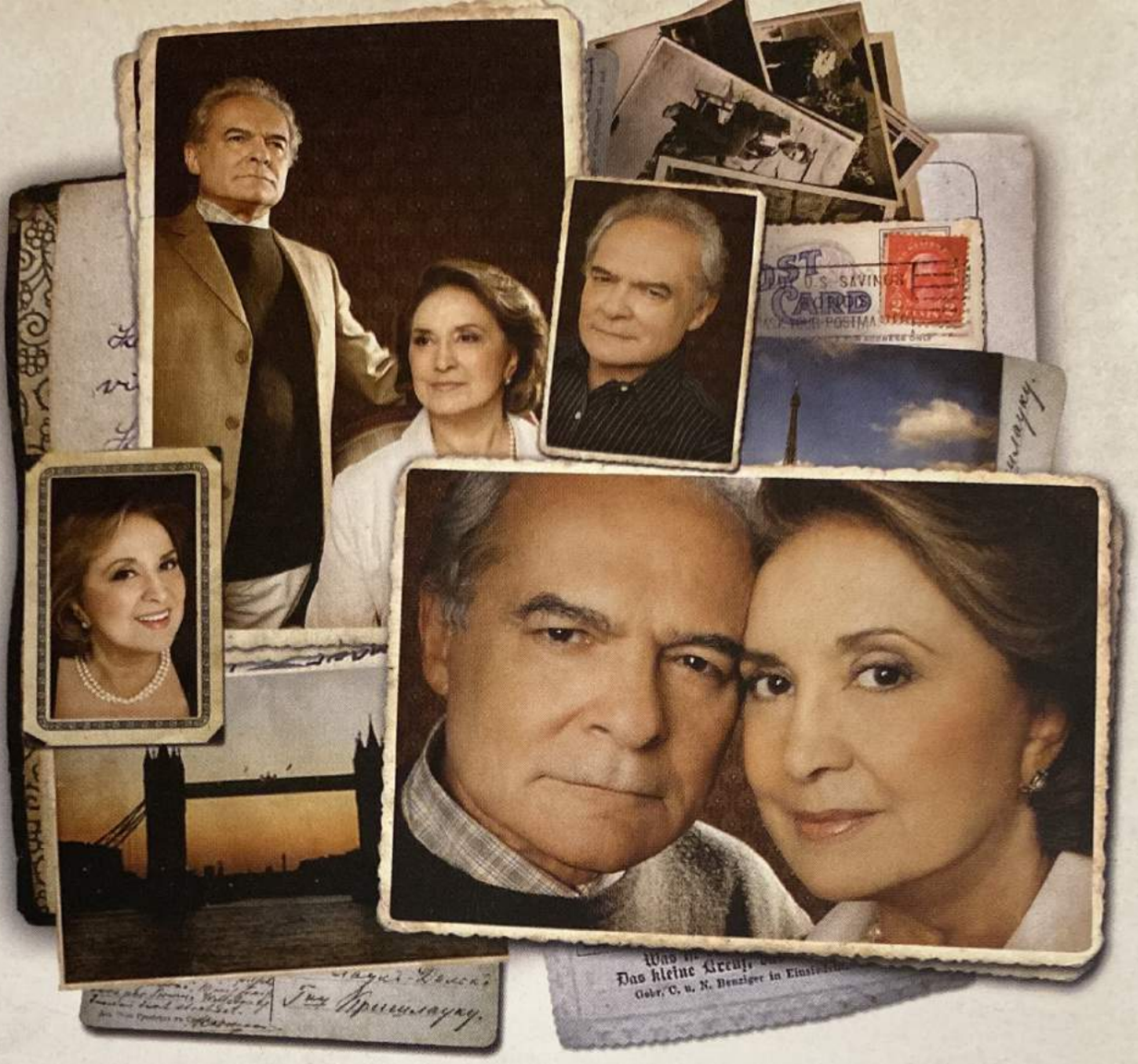
Santa Edwiges

Eternit Qualidade lá em cima.

RAYONTEX FIOS E FIBRAS SINTÉTICAS

TRAMONTINA

O Galpão Aplauso agradece!



EVA WILMA OTHON BASTOS •

o manifesto

As maiores batalhas são travadas entre quatro paredes

TEXTO BRIAN CLARK

TRADUÇÃO E DIREÇÃO FLÁVIO MARINHO

PRODUÇÃO MARCELO SEBÁ

"Gostaria que esse texto fosse lido como um manifesto de amor à arte de Eva, de Othon"
Blog do Merten

"Othon Bastos é um ator completo, de muitos recursos e expressividade (...) Eva Wilma brilha com intensidade"
Bravo

"Atuações sob medida (...) É pura atualidade"
ISTOÉ Gente

"Othon Bastos e Eva Wilma travam duelo memorável"
O Estado de S. Paulo

"Eva Wilma e Othon Bastos mostram por que são atores de primeira grandeza"
Veja Rio Recomenda

Teatro Maison de France | Info: (21) 2544.2533 | www.omanifesto.com.b

PATROCÍNIO EXCLUSIVO NOKIA Nseries

CO-PATROCÍNIO TAM

PROMOÇÃO O Globo · Clube do Assinante O Globo Faz Parte da Sua Vida · ClearChannel

APOIO MPV · Mercure Apartments Rio de Janeiro Leblon · Teatro Maison de France · Valda

REALIZA São